



UFMG

Boletim

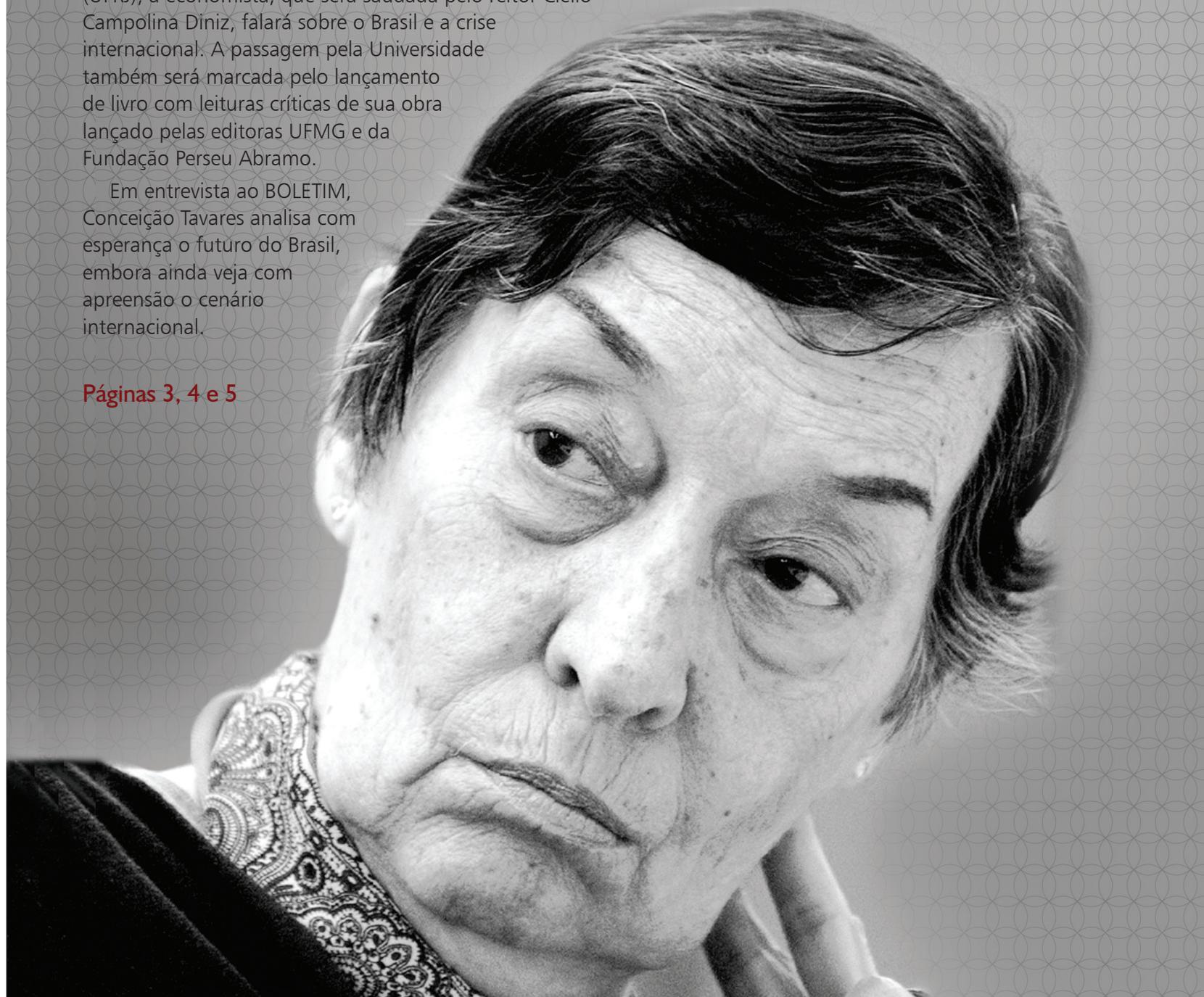
Nº 1.707 - Ano 36 - 23.8.2010

Simplemente **CONCEIÇÃO**

Uma das principais referências do pensamento econômico brasileiro, a professora Maria da Conceição Tavares fará nesta terça-feira, dia 24, a partir de 10h30, no auditório da Reitoria, a primeira conferência em 2010 do projeto Sentimentos do Mundo. Professora titular da Universidade de Campinas (Unicamp) e emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a economista, que será saudada pelo reitor Clélio Campolina Diniz, falará sobre o Brasil e a crise internacional. A passagem pela Universidade também será marcada pelo lançamento de livro com leituras críticas de sua obra lançado pelas editoras UFMG e da Fundação Perseu Abramo.

Em entrevista ao BOLETIM, Conceição Tavares analisa com esperança o futuro do Brasil, embora ainda veja com apreensão o cenário internacional.

Páginas 3, 4 e 5



O Projeto **MANUELZÃO** e a opção pelo **PEIXE**

Apolo Heringer Lisboa*

O que tem a ver a mobilização pela “volta do peixe” com saúde humana? Essa história começou com dúvidas surgidas entre professores da disciplina de graduação Internato em Saúde Coletiva, sobre sua prática docente e sobre o objeto dessa disciplina médica.

A medicina trabalha com doenças: pesquisa, diagnóstico, prevenção médica, tratamento clínico-cirúrgico e outros. Já saúde não é uma questão basicamente médica e sim de qualidade de vida; tem mais a ver com macroeconomia, infraestrutura, política e cultura. Questiona-se porque a nossa disciplina é de Saúde Coletiva, não de clínica. Para o Projeto Manuelzão, somente uma intervenção sistêmica com redirecionamento da política e da economia, nos diversos níveis, proverá nossa sociedade de condições ecossistêmicas de saúde coletiva. Essa não é a lógica da indústria da doença. Daí nosso caráter ser necessariamente transdisciplinar/setorial/institucional, abrangendo o conjunto da UFMG e indo além. Não tem sentido ser limitado ao caráter clínico ainda que da prevenção médica.

Imagine um rio altamente poluído onde os biólogos diagnosticam diversas doenças nos peixes, teratogênias, cegueiras, diminuição da estatura e mortandades. Optar pelo tratamento individual dos peixes seria visto como um absurdo diante do mal maior que é a poluição. A despoluição do rio salvaria as espécies e garantiria saúde aos indivíduos? Esta deveria ser a questão. Ou seja, restabelecendo-se a qualidade do ecossistema aquático agimos com a lógica da saúde coletiva.

E o nosso rio? A opção na sociedade humana deveria ser dupla: tratar os indivíduos, mas priorizando o investimento na qualificação do ecossistema humano – habitats, nichos, ecossistemas, biomas. São suas cidades, universidades, moradias, escolas, sistemas de transporte, macropolítica econômica e mentalidade civilizatória. Esta

visão força-nos a rever conceitos em política e em macroeconomia, o SUS e as bases filosóficas de nosso pensamento social.

A opção pelo peixe é uma estratégia adotada pela nossa percepção da importância metodológica do território de bacia hidrográfica e das águas. O peixe é um indicador de saúde coletiva ambiental da bacia, incluindo a espécie *Homo sapiens*. Ele está sendo transformado em eixo de mobilização. Está relacionado com o princípio metodológico segundo o qual “o espelho d’água mostra a nossa cara”. Com essa estratégia monitoramos as transformações ambientais e civilizatórias e avaliamos a gestão pública.

A bacia hidrográfica e seus ecossistemas integrados têm base geológica e uma linguagem compatível de caráter universal. Portanto, supera as fronteiras geográficas e culturais politicamente impostas aos seres vivos. Permite a globalização inteligente de uma humanidade solidária que pensa e age mundial e localmente.

Em 2003, durante a expedição que desceu o Velhas até o São Francisco, propusemos a Meta 2010: Navegar, Pescar e Nadar no seu trecho mais poluído, na passagem do rio pela Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). O então governador de Minas Aécio Neves a assumiu em março de 2004, por sugestão nossa. E posteriormente a transformou em Programa Estruturador do estado. Foram feitos investimentos políticos, administrativos e financeiros tanto pelo governo, quanto pelo Projeto Manuelzão/UFMG, diversas prefeituras e algumas empresas. Mas o ator mais eloquente foi a sociedade civil, ao conseguir que o estado encampasse sua proposta.

Fazendo agora um balanço da Meta 2010, concluímos que ela teve 60% de sucesso. Nadamos com segurança em Santo Hipólito, na região de Curvelo, no médio curso. Nessa região comemora-se o milagre da multiplicação dos peixes e da ressurreição do rio. Dados do biomonitoramento do Nuvelhas/Projeto Manuelzão,

que vem sendo realizado há mais de dez anos, comprovam que peixes antes ausentes estão chegando à Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). No geral, o rio melhorou muito. Mas ainda não conseguimos a vitória de nadar com segurança no trecho que banha a RMBH. Por isso, para não deixar o vazio tomar conta, e fazer com os parceiros as reformulações necessárias na gestão, lançamos a Meta 2014, para finalmente podermos nadar na RMBH e ter aí um rio cheio de peixes da bacia da São Francisco. Algumas diretrizes para esse novo momento estão previstas em documento assinado no dia 14 de agosto, às margens do rio das Velhas, pelo governador Antonio Anastasia, por Aécio Neves, por diversos prefeitos – entre os quais o de Belo Horizonte, Márcio Lacerda – os coordenadores do Projeto Manuelzão, secretários de Estado, deputados, Núcleos do Projeto Manuelzão e pessoas presentes ao evento.

A Meta 2014 exclui de forma peremptória a construção de barragens na calha do rio das Velhas e na bacia do rio Cipó. No caso de Santo Hipólito, uma barragem teria consequência devastadora sobre os ecossistemas da bacia do Cipó/Paraúna, Pardo e médio Velhas, além da inundação de povoados, de terras férteis da região e isolamento de pessoas. Tal barragem nunca foi uma reivindicação regional. A região tem outras prioridades.

O objetivo maior da Meta 2014 é a conquista de uma sociedade com nova visão de mundo, civilizatoriamente superior, ecossistemicamente adequada às necessidades de todas as espécies, verdadeiramente democrática e justa, abolindo fronteiras e preconceitos. As águas e o peixe estão cumprindo o papel estratégico de guias e inspiradores de uma transformação de mentalidade.

*Professor da Faculdade de Medicina e coordenador do Projeto Manuelzão

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, através de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 4.800 a 5.200 caracteres (com espaços) ou de 57 a 64 linhas de 70 toques e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Com a palavra, o **CANDIDATO**

Veículos de comunicação da UFMG começam a exibir entrevistas com postulantes ao governo de Minas

A UFMG quer conhecer as propostas dos candidatos ao governo de Minas. A série de entrevistas, que recebeu o nome de “Palavra de candidato”, será exibida a partir desta quinta-feira, dia 26, pela TV Universitária (canais 12 da Net e 14 da Oi TV) e pela rádio UFMG Educativa (104,5 FM). Na rádio, as entrevistas irão ao ar às 18h, e na TV, às 21h. No site da UFMG (www.ufmg.br), os programas permanecerão postados até o dia 30 de setembro, último dia para propaganda segundo a legislação eleitoral.

As entrevistas estão sendo gravadas no estúdio da TV UFMG, localizado no campus Pampulha. Todos os candidatos foram convidados e aceitaram gravar as entrevistas: Fábio Aparecido Martins Bezerra (PCB), José Fernando Aparecido (PV), Vanessa Portugal (PSTU), Luiz Carlos Ferreira (PSOL), Edílson José do Nascimento (PT do B), Hélio Costa (PMDB) e Antônio Augusto Anastasia (PSDB).

As regras dos programas foram acertadas no dia 6 de agosto, em reunião da direção do Centro de Comunicação (Cedecom) da UFMG com as assessorias dos candidatos realizada na Escola de Música da UFMG. No dia 13, nova reunião definiu a ordem de veiculação das entrevistas: 26 de agosto, Hélio Costa; 27 de agosto, Antonio Anastasia; 30 de agosto, José Fernando; 31 de agosto, Vanessa Portugal; 1º de setembro, Edílson José do Nascimento; 2 de setembro, Luiz Carlos; e 3 de setembro, Fábio Bezerra.

Temas

As entrevistas, com uma hora de duração, estão divididas em dois blocos, com 30 minutos cada. As perguntas são formuladas por dois jornalistas convidados, sendo um do Cedecom e outro da TV PUC ou da Uni-BH, universidades parceiras da UFMG na TV Universitária. Também fazem perguntas alunos, professores e servidores da UFMG de todas as áreas do conhecimento.

De acordo com o acerto feito com os assessores dos candidatos, os temas das perguntas são definidos antes da gravação, devendo versar sobre educação, saúde, urbanismo e meio ambiente, emprego e renda e segurança pública. Dos seis temas, quatro são sorteados.



Como o programa é um projeto de três universidades, o tema ciência e tecnologia é obrigatório em todas as entrevistas. No estúdio, além do apresentador, ficam apenas os dois entrevistadores e um assessor do candidato, conforme acordo firmado entre eles. As perguntas dos alunos, professores e funcionários foram gravadas e são exibidas aos candidatos no momento da entrevista.

Obra de Conceição Tavares ganha **LEITURAS CRÍTICAS**

Em sua passagem pela UFMG, onde fará conferência dentro do projeto Sentimentos do Mundo (*leia mais nas páginas 4 e 5*), a economista Maria da Conceição Tavares será homenageada com o lançamento do livro *Leituras críticas sobre Maria da Conceição Tavares*, publicado pelas editoras UFMG e da Fundação Perseu Abramo.

A obra foi organizada pelo professor Juarez Guimarães, do Departamento de Ciência Política da UFMG. “Este livro resulta de um esforço coletivo de aproximação sistemática ao pensamento daquela que pode ser hoje considerada, por todos os títulos, a maior economista viva do Brasil”, escreve Guimarães na introdução do livro.

Segundo ele, tal juízo baseia-se na capacidade criativa da autora, na sua erudição, na relevância dos temas que aborda, na influência que o seu pensamento exerce sobre várias gerações de economistas e “no invencível sopro humanista que organiza e dá coerência à sua obra”.

Os ensaios que discutem as contribuições de Conceição Tavares foram escritos pelo historiador econômico Ricardo Bielschowsky (*Conceição e o crescimento econômico brasileiro*), pelo sociólogo Emir Sader (*Imperialismo e hegemonia*) e pelos economistas José Carlos de Souza Braga (*O irracional e o inteligível no capitalismo financeiro*) e Maurício Borges Lemos (*O problema*

do sistema financeiro brasileiro na visão de Maria da Conceição Tavares).

A obra é completada por uma longa entrevista concedida ao professor Juarez Guimarães e lista de livros e artigos escritos pela autora ao longo dos últimos 50 anos, encabeçada pelo clássico *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*, lançado em 1972 e que teve 12 edições publicadas no Brasil e duas no México. Ao final, há uma lista com os prêmios e títulos recebidos pela professora, entre os quais a Ordem de Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores, em 1986, e o Doutor Honoris Causa pela Universidade de Buenos Aires, em 2001.

“É hora de **ROMPER** com a **MALDIÇÃO**”

Flávio de Almeida

Uma análise sobre a forma como o Brasil lidou com a crise internacional será feita nesta terça-feira, dia 24, pela economista Maria da Conceição Tavares à UFMG, durante a primeira conferência do projeto Sentimentos do Mundo em 2010. Portuguesa naturalizada brasileira, Conceição Tavares formou-se em matemática ainda em terras lusitanas, mas acabou se transformando numa das mais importantes expoentes do pensamento econômico brasileiro. Influenciada por Celso Furtado, Caio Prado Jr. e Ignácio Rangel, Conceição foi aluna de

Octávio Gouvêa de Bulhões e Roberto Campos, professora da candidata à presidência Dilma Rousseff e parceira acadêmica do também presidencializável José Serra.

Aos 80 anos, completados em abril passado, a economista revela, nesta entrevista ao BOLETIM, que está “mais mansa” – ela que sempre teve fama de brigona. Mas não perdeu a verve. Critica a suposta preferência de José Serra por uma política internacional ancorada no eixo Norte-Sul, diverte-se com a radicalização de Plínio de Arruda Sampaio (candidato à presidência pelo PSOL) – democrata-cristão que virou socialista – e elogia as políticas sociais em vigor, que ajudaram a elevar o padrão de vida de 30 milhões de brasileiros. “Temos agora que nos preocupar com a educação, com a universalização dos direitos sociais, com a segurança”, defende.

A senhora tem fama de brava, polêmica, sempre muito enfática na defesa de suas ideias. Ao completar 80 anos, esse traço de sua personalidade manteve-se ou arrefeceu?

(Risos) Estou mais mansa com a idade. A gente vai ficando mais velha e percebe que é preciso ter paciência, que as coisas nem sempre avançam como você quer. Tanto que no meu aniversário eu convidei a Dilma {Dilma Rousseff, candidata a presidente pelo PT} e o Zé {José Serra, candidato pelo PSDB}, que era meu amigo de infância – da infância dele, claro, não da minha que sou mais velha (risos).

A senhora foi professora dele?

Não. Fui professora da Dilma. Do Serra eu fui colega. Escrevemos, inclusive, um artigo a quatro mãos.

De brava e polêmica, a senhora então está se transformando em uma conciliadora?

Exatamente (risos). Apesar da Dilma ser minha candidata, evito falar mal do José Serra.

O tema de sua conferência na UFMG é o Brasil e a crise internacional. A senhora acredita que o Brasil soube enfrentar melhor a turbulência de 2009?

Sim. E saímos muito rapidamente dela. Este ano, vamos crescer 7%. Só China e Índia vão crescer tanto.

O governo teve papel importante nesse processo ou a superação foi resultado da força natural da economia brasileira?

Eles {o governo} não ficaram esperando, pois tiraram os impostos sobre o consumo.

É a primeira vez que assistimos a uma crise sem ficar de cócoras. Antes, os Estados Unidos davam um espirro e a gente pegava uma pneumonia. Agora eles pegam uma pneumonia dupla e a gente se recupera rapidamente. A coisa se inverteu. Em plena crise, o Brasil conseguiu empregar um milhão de pessoas com carteira assinada. Só isso mostra que reagimos muito bem.

A senhora qualificou as crises econômicas recentes como bolhas que se sucedem. Tem mais alguma se aproximando?

Não posso garantir se há uma bolha se aproximando. O que posso dizer é que o sistema bancário dos países desenvolvidos está totalmente bichado. Há um desequilíbrio fiscal gigantesco nos Estados Unidos e na Europa. No cenário internacional, essa crise tende a ser prolongada, com períodos de maior turbulência nos Estados Unidos, Europa e Japão, que não estão bem das pernas. O fato é que há uma mudança na divisão internacional do trabalho, e o eixo Ásia-América do Sul tem futuro. Tenho esperança de que partiremos para o multilateralismo, no qual países como China, Índia, Brasil, África do Sul, Rússia e Argentina exercerão papel importante.

Agora, os Estados Unidos preocupam, pois são o centro do sistema, e não têm mais a capacidade de antes para regulá-lo. Quem vai regular o sistema internacional? Eles não querem nem regular o deles. Já as propostas do G-20 {grupo formado pelas 19 maiores economias, mais a União Europeia} são muito fracas ou não há consenso entre eles.

O que falta ao Brasil para mudar de patamar?

Temos agora que nos preocupar com a educação, com a universalização dos direitos

Conceição Tavares: preocupação com o sistema financeiro internacional



furtadiana”

sociais, com a segurança. Precisamos eliminar esses problemas, e todos os candidatos, em seus programas, defendem avanços sociais. Há acordo sobre isso. Onde não há acordo é na política externa, principalmente no caso do Serra, que é mais tradicional. Ele pode desmobilizar o Itamaraty e não é a favor do eixo Sul-Sul. Prefere apostar no desenvolvimento Norte-Sul, tem mais esperança nos Estados Unidos, o que é um equívoco. É um vício que ele herdou do Fernando Henrique. No que diz respeito à infraestrutura, educação e segurança, há consenso entre todos os candidatos. Menos o Plínio {Plínio de Arruda Sampaio, candidato pelo PSOL}, que é socialista. Ele, ao contrário de mim, foi se radicalizando. Começou como democrata-cristão, foi para o PT e acabou no PSOL. Eu fui ficando mais moderada. Você vê que a idade atinge as pessoas de modo diferente (risos). Nos anos 60, o Plínio era a favor de uma reforma agrária moderada e agora quer uma mudança radical.

Mas, voltando ao consenso entre os candidatos sobre a questão social, percebo que chegou a hora de extinguir a pobreza, romper com a “maldição furtadiana”.

Que maldição é essa?

O Furtado {o economista Celso Furtado} achava que a gente ia crescer, mas não ia se desenvolver. Mas agora acredito que estamos no caminho do desenvolvimento. Todas as questões estão postas na agenda, e há consciência delas. No caso da pobreza, todos querem eliminá-la. Mas vai ser difícil corrigir a questão metropolitana, o tráfico de drogas, promover uma educação de qualidade. Talvez em 20 anos a gente consiga resolver essas questões. Não conseguimos nos industrializar em 20 anos? Embora industrializar seja mais fácil do que corrigir desigualdades sociais.

A senhora é uma expoente do pensamento econômico brasileiro. Mas, nos últimos anos, percebe-se que anda um pouco afastada da mídia e do debate público...

Você acha que velhice não pesa? Pesa, sim, rapaz. Hoje, eu dou aulas de relações internacionais. E estou com vontade de voltar as atenções para a América Latina, para realizar um estudo comparado Brasil-América

Latina. Sou a favor da integração e, como a maioria é contra, tendo a seguir no sentido oposto. A América Latina não é um bloco unitário. É preciso estudar as diferenças que existem entre os países. Continuo acompanhando a conjuntura do Brasil, mas não vejo grandes discrepâncias em sua política econômica. A não ser o Banco Central, que também já melhorou. Tanto que bati pesado quando percebi que o Banco Central estava disparando no primeiro governo Lula. Fui a Brasília, conversei com o presidente, com o ministro da Fazenda.

Mas e os juros?

Não adianta dizer que temos as maiores taxas de juros do mundo. Eles são assim há mais de 50 anos. E agora estão abaixo da média histórica das últimas duas, três décadas.

Alguns intelectuais se decepcionaram com o governo Lula e do PT, entre os quais Francisco de Oliveira. Não foi o caso da senhora...

O Chico de Oliveira já tinha rompido com o PT logo no início do governo. No primeiro ano, o Lula pegou uma bomba pela cara, uma crise cambial, inflação subindo. Inventaram o “efeito Lula” e ele teve que se comprometer, na Carta aos Brasileiros, com um programa mais continuísta. Sempre achei chata essa política econômica, porque eu queria que o país crescesse mais. Mas hoje sou obrigada a reconhecer que o resultado foi satisfatório. Com a crise mundial, se tivéssemos ficado no oba-oba, aproveitando aquele momento de excessiva liquidez dos Estados Unidos, teríamos entrado pelo cano. Os espanhóis, portugueses, gregos e os próprios ingleses levaram uma porrada cavalara. E outra coisa que o Lula nunca deixou de fazer foi atacar a pobreza. Ele começou cedo e acelerou no segundo mandato. Pobre não tinha crédito neste país. Ele converteu 30 milhões de pessoas em classe média.

O que ainda a preocupa?

O câmbio. Com exceção da China, todos os demais países estão valorizando sua moeda em relação ao dólar. O problema é que o dólar ainda é a referência no comércio exterior. Os chineses exportam em dólar e nós levamos uma surra deles. O que me preocupa são as importações. Ou você controla o câmbio ou controla disfarçadamente as importações. Não podemos, sistematicamente, importar mais do que exportar. Ou montamos uma barreira para os capitais especulativos, uma espécie de quarentena semelhante à feita pelo Chile, ou estabelecemos um controle disfarçado de importações não essenciais. Estamos importando carros de luxo – e não precisamos deles, pois temos uma indústria automobilística muito forte – e equipamentos eletrônicos, exatamente os itens que provocam déficit na balança comercial.

A senhora está mais otimista?

Com o Brasil, sim. Não temos um Collor, nem um Jânio. Os candidatos são melhores. O povo assume que é cidadão, não para de votar, o emprego melhorou, o salário-mínimo também, e a renda se desconcentrou. Mas em relação ao mundo, não. O neoliberalismo acabou como ideologia explícita, mas não como prática. O mundo está muito conservador. A direita americana não deixa o Obama fazer nada.



No alto, junto com Celso Furtado e o presidente Lula; abaixo, com Mário Henrique Simonsen

SOLIDARIEDADE

para garantir a PERMANÊNCIA

Nova bolsa da Fump estimula doações e ajuda a manter na UFMG estudantes de baixa condição socioeconômica

Ana Rita Araújo

Uma nova modalidade de bolsa, criada pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump), oferece a estudantes de graduação auxílio complementar à sua manutenção no curso, com a finalidade de amenizar as dificuldades financeiras e contribuir para o cumprimento do percurso acadêmico com qualidade. Trata-se do Programa Bolsa Apadrinhamento, que provê subsídio financeiro não reembolsável para estudantes classificados socioeconomicamente pela Fump no nível I, e que apresentem bom desempenho acadêmico, pelos critérios do indicador Rendimento Semestral Global (RSG).

A iniciativa também é opção para pessoas que querem fazer doações com a finalidade específica de ajudar a manter alunos pobres na Universidade. Convertidas para o programa de apadrinhamento, as contribuições não se confundem com as outras formas de assistência mantidas pela Fump. “Não há valor definido. O doador decide com quanto quer colaborar, assina contrato com a Fundação, e pode inclusive programar débito automático em sua conta bancária”, explica a gerente de Programas de Assistência da Fundação, Solange Gomes de Araújo Braz, ao acrescentar que o acordo pode ser rescindido ou suspenso a qualquer momento, a pedido do doador. Ela ressalta que a manutenção do programa está vinculada à doação desses recursos.

Solange Braz conta que a Fump foi procurada no final do ano passado pelo professor Romeu Cardoso Guimarães, do Departamento de Biologia Geral do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), que desejava contribuir para a manutenção de alunos de baixa renda. “Depois de estudar o assunto, propusemos a criação da Bolsa Apadrinhamento”, explica Solange. Desde o início deste ano, o professor doa mensalmente R\$ 300. A bolsa ofertada recebeu o nome de Miguel Fernandes Guimarães, em homenagem ao pai do professor Romeu.

“É um estímulo especial saber que estamos contribuindo para melhorar as condições de vida de um aluno”, analisa o professor. “Sabe-se que o desempenho melhora quando o estudante não precisa dar um duro danado para conseguir o dinheiro da passagem ou da alimentação”, acrescenta. Ele explica ainda que “a participação no programa é muito fácil, não causa problema algum ao doador, já que a Fump gerencia tudo”.

Retorno à sociedade

Seguindo o exemplo do professor Romeu Guimarães, outros docentes da UFMG estão aderindo ao programa de apadrinhamento. “Ele é aberto para qualquer pessoa que queira doar, tenha ou não vínculo com a Universidade”, esclarece Solange Braz. Ela ressalta a importância da responsabilidade social de quem participa da política de desenvolvimento da assistência estudantil, ao contribuir para o futuro profissional de alunos de baixa condição socioeconômica, que muitas vezes chegam à universidade gratuita, mas não têm condições de nela permanecer. “Essa iniciativa torna o professor Romeu Guimarães o precursor do Programa Bolsa Apadrinhamento e parceiro da Fump no cumprimento de sua missão”, reitera.

“Minha família preparou as bases, a Universidade me deu muito, agora procuro retornar a ela alguma contribuição espontânea”, resume o professor, ao comentar os motivos que o levaram a tomar a iniciativa. Ele relembra que, como estudante e pesquisador, recebeu bolsas de agências de fomento, como CNPq e Fapesp, que o permitiram fazer pós-doutorado em países como Alemanha, Inglaterra, Israel e Estados Unidos. “Só tenho a agradecer. Claro que houve um esforço, mas também recebi uma contribuição da sociedade, pois se trata de dinheiro público. A quem recebeu tanto, não faz mal nenhum doar algo”, avalia.

Com relação aos critérios adotados pela Fump para selecionar os beneficiários, Romeu Guimarães diz que considera mais importantes a necessidade e a dedicação. “Desempenho é necessário, mas minha experiência me mostra que os melhores na vida profissional não são,

necessariamente, os melhores alunos, embora seja importante ter dedicação”, afirma. Ao discutir as críticas a programas sociais, Romeu Guimarães afirma que classifica a Bolsa Apadrinhamento na mesma categoria de benefícios como o bolsa-escola. “O Brasil em geral é muito mesquinho nessas coisas. Com a desculpa de que o indivíduo tem que se esforçar, termina-se por não dar nada a ninguém, mantendo os pobres aí, pereneamente, pois mesmo que se esforcem não terão condições de fazer muita coisa. Isso precisa ser melhor avaliado já que dados da própria Fump mostram o bom desempenho dos assistidos”, acrescenta.

Romeu Guimarães:
recompensa pela dedicação



Foca Lisboa

Empreendedorismo GLOBAL

A Semana Global do Empreendedorismo, que será realizada simultaneamente em 90 países, entre 16 e 18 de novembro, contará com uma programação na UFMG. O evento terá palestras, workshops, feiras e jogos de empresas, com o objetivo de despertar nos jovens atitude inovadora e empreendedora.

Os interessados podem se inscrever como participantes ou parceiros – sendo estes responsáveis por promover e divulgar a Semana Global, além de realizar atividades que incentivem a criatividade e o empreendedorismo.

A agenda da Semana Global e os formulários de inscrição estão disponíveis em www.semanaglobal.org.br. Para outras informações, entre em contato com a Inova pelo endereço comunicacao@nova.ufmg.br ou pelos telefones 3409-6785 e 3409-5689.



Tecnologia ASSISTIDA

Inventos de pesquisadores da UFMG serão apresentados na segunda edição da Feira Muito Especial de Tecnologia Assistiva e Inclusão Social das Pessoas com Deficiência, que acontece entre os dias 23 e 26 de agosto no Rio de Janeiro. A UFMG levará 15 trabalhos, dentre os quais a carteira escolar para usuários de cadeiras de rodas, do projetista Paulo César Carvalho, e o sistema de sinalização de ônibus e táxi para portadores de deficiências, resultado de parceria entre o inventor Dácio Pedro Simões e o pesquisador Julio Cesar David de Melo, do Departamento de Engenharia Eletrônica. Realizada pelo Instituto Muito Especial, com apoio do Ministério da Ciência e Tecnologia, a feira visa reunir novidades tecnológicas que contribuem para a inclusão social e facilitam a vida das pessoas com deficiência. Outras informações podem ser obtidas no site www.feiraassistivario2010.org.br, ou pelo telefone (21) 2286-9336.

Portas ABERTAS

Escolas das redes pública e particular de Belo Horizonte e da Região Metropolitana podem agendar visitas à Escola de Música da UFMG. Com duração de duas horas, elas acontecem sempre às quartas-feiras, às 14h. Durante a visita, os alunos têm a oportunidade de conhecer os cursos e os diversos instrumentos musicais, por meio de oficinas, apresentações e bate-papo com estudantes da Escola. São aceitas 40 crianças por visita e mais de um responsável deverá acompanhar a turma. Agendamento pelo telefone (31) 3409-4718.

Erramos

Ciclo ERGÔMETRO

Na matéria *Ergometria do menor esforço*, publicada na versão impressa da última edição, informou-se incorretamente que dez mulheres testaram o equipamento. Foram 30 as mulheres que participaram dos testes.

Marcos Catarina e BANDOLERÊ

Marcos Catarina e Bandolerê são a atração musical do projeto Quarta Doze e Trinta desta semana. O show acontece na quarta-feira, 25 de agosto, às 12h30, na Praça de Serviços do campus Pampulha da UFMG – avenida Antônio Carlos, 6627. A entrada é gratuita. A programação cultural completa da Universidade pode ser acompanhada no site www.ufmg.br/cultura.

De MOÇAMBIQUE a Minas

A Editora UFMG anuncia novos lançamentos para o segundo semestre. Um dos destaques é a antologia *Poetas de Moçambique*, cujos dois primeiros volumes estão previstos para outubro, no Brasil e em Portugal. A coleção contempla poetas moçambicanos pouco conhecidos em outros países de língua portuguesa.

Já os outros dois volumes, que, além das poesias, trazem estudos sobre os autores, são dedicados aos poetas Rui Knopfli e José Craveirinha. Entre as reedições, estão previstas as dos livros *Passeio a Sabará*, *Passeio a Diamantina* e *Passeio a Ouro Preto*, da escritora mineira Lúcia Machado de Almeida. O lançamento dessas obras comemora o centenário da autora, que ficou conhecida nos anos 80 por escrever títulos de sucesso entre o público infanto-juvenil, como *O escaravelho do Diabo* e *Spharion*. Saiba mais sobre a Editora UFMG no site: www.editoraufmg.com.br.

Artistas em DESTAQUE

Rodrigo Freitas Rodrigues, Joacélio Batista da Silva e Douglas Gouveia Pego, da Escola de Belas-Artes da UFMG, estão entre os dez premiados com a Bolsa Pampulha 2010, e vão participar do 30º Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte. Os artistas realizarão exposições individuais, utilizando todos os espaços do Museu de Arte da Pampulha, com a possibilidade de expansão até o Espaço Cultural Casa do Baile. Os trabalhos concorreram com outros 249 portfólios de candidatos inscritos no programa.

Leituras da NATUREZA

Leituras da natureza: o projeto Ninho dos Bichos é o tema da edição do dia 27 de agosto do Fórum de Ensino de Leitura, iniciativa apoiada pela Faculdade de Letras. O debate será das 18h às 20h, na sala 3053 da Faculdade, no campus Pampulha. A expositora é Maria Antonieta Pereira, professora aposentada da Fale, integrante do projeto Ninho dos Bichos. A partir da experiência de proteção de animais de rua em curso no programa, as especialistas vão propor análise sobre os sete saberes necessários à educação do futuro, tal como formulados por Edgar Morin. A entrada é franca e não há necessidade de inscrição prévia. Mais informações: www.teiadetextos.com.br.

ARQUITETURA do espaço HÍBRIDO

Experiências unem doutores e alunos de graduação para envolver o corpo na comunicação digital

Itamar Rigueira Jr.

Um conjunto de peças viaja de caminhão para, no destino, transformar-se em uma barraca de montagem intuitiva, equipada com projetores, computadores e conexão por internet. Essa estrutura permite, por exemplo, que integrantes de duas comunidades troquem experiências de diversos tipos, mostrem sua arte e características de sua cultura, reunindo-se no que seria um terceiro espaço. E essas informações podem ser ainda incorporadas a um grande banco de dados.

A descrição simplificada é do projeto do Museu do Hoje, elaborado por Lorena Melgaço Marques a partir de sua passagem, na época da graduação, pelo Laboratório Gráfico para Experimentação Arquitetônica (Lagear), da Escola de Arquitetura da UFMG. O trabalho do Laboratório é voltado à criação de espaços híbridos, reunindo características físicas e digitais. O objetivo é superar a predominância visual dos ambientes digitais e enfatizar o engajamento corporal.

"A comunicação por computador está reduzida a inter-

faces bidimensionais, e aí se perde a riqueza do contato em espaço físico. Nosso objetivo é juntar as duas coisas", explica o professor José dos Santos Cabral Filho, coordenador do Lagear. A investigação visa ampliar as possibilidades de comunicação por meio de conexão digital de ambientes arquitetônicos, muitas vezes com a participação direta do movimento das pessoas.

Aparatos como câmeras móveis e sensores informam sobre as características do espaço remoto, intensificando a interação das pessoas envolvidas. Sistemas desenvolvidos pela equipe do Lagear utilizam, por exemplo, um artefato tipo origami que aumenta ou diminui de tamanho de acordo com a quantidade de pessoas numa sala remota, ou muda de cor com a variação de ruído no ambiente distante. As pesquisas exploram tecnologias simples e softwares livres.

Movimentos espontâneos

O Laboratório Gráfico de Experimentação Arquitetônica, que reúne de pesquisadores doutores a alunos de graduação, tem investido, nos últimos anos, na "conexão espacializada" de comunidades. Em 2006, conectou o Palácio das Artes, em Belo Horizonte, onde se

realizava uma exposição de artesãos de Araçuaí, à própria cidade, no Norte de Minas. Foi uma forma de mostrar à população de Araçuaí a repercussão de seu trabalho e dar aos visitantes da mostra uma ideia do local de origem daquelas obras.

Pouco antes, o projeto Ocupar Espaços, desenvolvido em parceria com a ONG Oficina de Imagens, promoveu encontro virtual dos moradores do Aglomerado da Serra e da Barragem Santa Lúcia, também na capital. Eles experimentaram jogos baseados em negociação, grafitaram imagens projetadas e viram espaços conhecidos serem modificados por interfaces digitais.

No caso do Museu do Hoje, a ideia parte da constatação de que muitas cidades não dispõem de centros de cultura e podem se beneficiar de estrutura itinerante acessível, sem entraves de hierarquia e burocracia. "O projeto valoriza movimentos culturais espontâneos e pode se adaptar tanto às demandas de cada comunidade, quanto à necessidade de renovar a si mesmo para incorporar novas possibilidades tecnológicas e outras mudanças", afirma Lorena Marques, que cursa mestrados na UFMG e em instituições da Europa.

Envolvido com atividades de ensino, pesquisa e extensão, o Lagear começou em 1993 com os primeiros programas de computação gráfica que permitiam projetar em computador e evoluiu à medida que se alteravam as relações da arquitetura com as novas tecnologias. "Hoje trabalhamos com a chamada arquitetura aberta, que tem como uma de suas características a possibilidade de projetar ambientes digitais sobre o espaço físico, o que favorece o diálogo com os habitantes", afirma José Cabral Filho.

A imagem simula a presença do Museu do Hoje em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG)



EXPEDIENTE

Reitor: Clélio Campolina Diniz – Vice-reitora: Rocksane de Carvalho Norton – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: Marcelo Freitas – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto e editoração gráfica: Rita da Glória Corrêa – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 8 mil exemplares Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefones: (31) 3409-4184 – Fax: (31) 3409-4188 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.



Boletim

IMPRESSO